

A JUVENTUDE

Boletim mensal da Seccção de
Jovens da Liga de EC de Gaia

1946
N.º 1 ANO

JUNHO 1946



Gomes
1946

Arquivo Historico

1946

N. da R.

Foi unanimemente aprovada a ideia de se alterar uma das normas que presidia ao critério empregado no nosso 1.º ano: Resolvemos publicar artigos de colaboradores com mais de 18 anos.

E a razão que nos levou a tomar tal medida, foi o facto de haver alguns Irmãos que ainda há pouco ultrapassaram a idade limite, cuja colaboração, estamos certos virá enriquecer o nosso Boleim, e duma maneira favorável agradar aos presados Leitores.

"A JUVENTUDE" não perde, portanto, o carácter de mocidade de que tem estado revestida. Os colaboradores são tão jovens como nós, senão em idade, pelo menos no ardor das suas produções.

Está no caso desta "Nota da Redacção" o trecho que ides ler.

Abriam-se de par em par as portas de 1946. Nós, os jovens, não nos limitamos à indiferença dans cumprimentos mais largos, e bodas mais lautas. Meditaremos: 1945 foi o fim da guerra. 1946 é o futuro esperançoso. Pertence-nos, portadores que somos de luminosos ideais de paz individual e social, de ousado progresso na cultura e na matéria.

Velhas e hipócritas formas do passado, arredá-las-emos. Ao medo e à desconfiança - lepra execranda da sociedade lançamos um veemente repto. A luz radiante que emana dos heroicos sacrificios no combate à opressão dos homens, nós a apontaremos e as nossas almas lhe serão por velador.

1946 é uma nova senda estendida perante nós. De início turturosa? Embora! Nossos passos serão firmes. Nossa cabeça permanecerá seu fim no amor entre os homens.

Utopia. E se não fossem as arrojadas utopias, que seríamos hoje?

Passou-se um ano,
e de novo voltamos ao nº. 1.

E este facto, aparentemente prova de retrocesso, tem para nós, a nota festiva do progresso.

Sim, estimados leitores, chegamos ao nº. 1... do nosso segundo ano.

Estão em festa os Jovens do Torne, e esta festa deve ser acima de tudo de Acção de Graças.

É com o coração a trasbordar de alegria, que do alto da tribuna de neófitos, lançamos os agradecimentos aos leitores amigos e colaboradores dedicados.

O que foi o nosso primeiro ano, podereis ver noutra local dêste número. O que virá a ser o segundo ano, só Deus por enquanto o poderá saber.

SUPREMO ANSICIO

Um novo ano começa!

Que surpresas nos revelará êle?

Será o portador de alegrias, de tristezas, de luto, de

dôr?

Não o sabemos. Para nós é um misterioso ponto de interrogação.

O Senhor e só Ele, sabe o que nos está reservado no decorrer d'êste Novo Ano.

O que findou trouxe-nos a paz, há tanto pedida e esperada. Paz que ainda é guerra, pois o mundo não entrou em plena e franca quietitude.

Por tôda a parte de vêm as cinzas mal extintas de fogueiras ainda há pouco ateadas; os lamentos dos orfãos e das viúvas é muito nítido por enquanto; o sangue encharca ainda a terra.

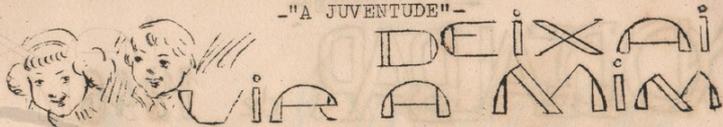
Pode chamar-se a isto paz? Não, não é paz. Será talvez a paz segundo os homens a entendem, mas devemos concordar que não o é.

Só se lhe pode dar êste nome por terem cessado as hostilidades, mas isso, embora seja muito, ainda não é o bastante para dar o socêgo a êste tam agitado planeta.

É preciso que peçamos a Deus que mande sôbre o mundo a Sua Paz, aquela paz que seu filho deu aos discipulos: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou."

Oh! sim, que Deus se compadeça de nós e nos mande a sua Paz.

Maria Rosa Moura



Leitor Amigo:

Cá me tens a bater à tua porta, a rogar dois minutos de paciência para me ouvires:

Já algum dia reparaste nos olhos de certos garotitos que se encontram a pedir esmola à porta das pastelarias? Já reparaste nos olhos ávidos que deitam para as montras, em que se ostentam os mais variados dôces? Reparaste, não é verdade? Sabes avaliar o seu sofrimento? Sim, sei que o sabes, ou que mais ou menos, o imaginas...

Lembras-te de no outro dia, quando fôste à pastelaria, encontrares um garoto a pedir esmola? Não te recordas? Isso não vai há muito tempo... Foi na véspera de Natal! Qual foi a tua resposta ao ouvires a sua súplica:

— Senhor, uma esmolinha...

Qual foi a tua resposta?

— Não pode ser, não tenho dinheiro trocado.

Tu não reparaste no olhar maguado que êle te deitou. O desgraçado, talvez desde o outro dia que não comia... e o que tu julgavas ser para uma lambarice, era para matar a fome no primeiro Natal de Paz...

Dentro da pastelaria o que fizeste?

umas compras muito caras, e o caixeiro no fim apresentou-te um cartão, que tu não leste, mas que adivinhaste ser de "Boas-Festas". Sorriste, tiraste a carteira e deste uma nota de 20\$00. E o pobresinho a olhar para ti, a ver os teus manejos e compras. Quando saíste, não reparaste nêle, e ías a pensar:

— É muito cortêz o caixeiro desta Pastelaria!

A propósito só te peço:

— Presta mais auxílio aos teus irmãos pobresinhos, às crianças principalmente.

Jesus disse: "Deixar vir a Mim os pequeninos, porque dos tais é o reino dos Céus."

Arnaldo de Oliveira Pinto

NO IDEAL BAR de 1946

Mais um ano que se aproxima de lutas e canseiras, de alegrias e tristezas, de dor e sofrimento.

Bem sabemos que o ano que findou foi o ano da Paz, a tam almejada Paz, porque se esperava havia 6 anos. Contudo o cortejo de angustias e dores que a humanidade sofreu, continua, e Deus sabe o que nos reservará o ano de 1946.

Com os últimos inventos dos homens, — a desintegração do átomo — passou a nossa era a denominar-se "atômica", não se sabendo até que ponto se chegará com tais descobertas científicas.

Prouvera a Deus que este novo passo que a civilização deu, seja utilizada para bem da humanidade e nunca para a destruição dela, pois de contrário o poder desta nova pesquisa científica, utilizada na construção de armas de guerra, será de molde a acabar por exterminar a raça humana.

Oxalá isto não se confirme, e que o Novo Ano seja para todos nós repleto de bênçãos do Senhor e "de Paz na Terra entre os homens de boa vontade".

Fernando Santos Silva

RESCALDO

Um novo sol raiou, cheio de esplendor, de alegria e de felicidade. É 1946.

Sendo o primeiro ano de paz, ainda traz no meio do seu brilho as manchas que a última guerra lhe deixou.

Como um sol que nasce depois da tempestade, assim ele é, rompendo por entre algumas nuvens errantes, ele ilumina e aquece a terra escurecida e gelada, enxotando para longe as nuvens negras que lhe tinham escurecido o brilho.

A guerra, essa guerra que destrói cidades inteiras,

Assim NASCEU...

Foi num dia quente de Agosto, enquanto que longe as águas claras do mar ensaiavam os primeiros passos para a dança das ondas, que no espírito de dois jovens, — sonhos? porque não, se a imensidão das águas e a tranquilidade do mar convidavam a sonhar —, nasceu a idéia dum jornal.

Compromissos, havia-os. Canseiras, não eram poucas. Mas nada disso veio à mente naquela tarde feliz. E a idéia continuou, enraizada, forte, inabalável, como aquêlê roche do acastanhado que enfrenta corajoso o turbilhão das ondas que de encontro a êle se vêm desfazer.

A idéia foi aprovada por outro jovem não menos sonhador. E os três se empenharam na obra que queriam ver realizada. Surgiram os primeiros problemas. Título? Artigos? Processo de o imprimir?

O primeiro foi resolvido: "A JUVENTUDE".

Ao segundo responderam alguns rapazes e raparigas tão jovens e ardorosos como nós.

Finalmente surgiu o terceiro. E finalmente está bem dito, porque foi exactamente no fim que êle veio à idéia. Se é certo que sem artigos e títulos a impressão era impossível, também é mais lógico que o título e os artigos sem a impressão não podem constituir um jornal.

— Faz-se um jornal de parede — alguém aventou.

Era pouco, sonhávamos com mais.

— Custa um bocado, é certo, mas tiram-se os exemplares a papel químico. Pensamos: E não sabemos porquê, a idéia parecia irrisória.

Foi então que apareceu um amigo. Ele não era jovem, mas o seu espírito bondoso não gostava de ver derrubadas as aspirações dos jovens.

E por seu intermédio, conseguimos solucionar este terceiro problema: tínhamos à nossa disposição um copiôgrafo de gelatina.



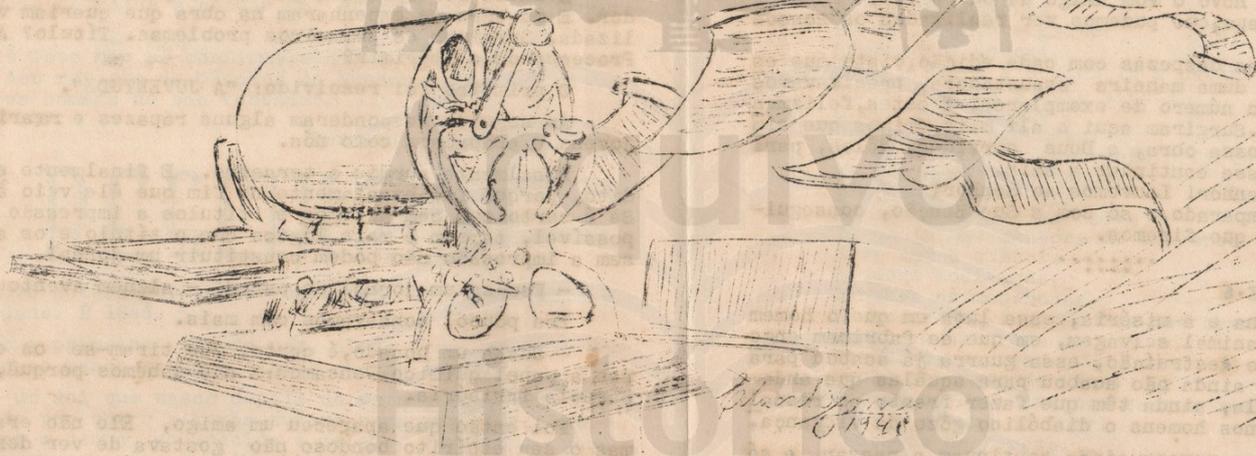
- J. TELES F. GOMES -



- J. M. PINA CABRAL -



- A. TOMAZ -



Thank you
1948

E do trabalho dumas férias de Natal, a canseira ar-
dosa dumas horas de aplicação, saiu o número 1 do nosso
Boletim.

Foi distribuído no primeiro de Janeiro de 1945, e os
Irmãos da nossa Igreja, talvez pela surpresa (tudo tinha si-
do feito em sigilo) talvez para não nos desgostar, anima-
ram-nos a que continuássemos. Saiu o número 2. A tiragem
foi aumentada. Então começaram a aparecer os defeitos de
tão moroso processo de impressão: na placa de gelatina já
havia aqui e ali algumas falhas, que se iriam reflectir na
apresentação do jornal.

Que fazer? E então sonhámos. Sonhámos com um duplica-
dor de rotativa. Sacámos de papel e lápis, e uma precisão
de contas surgiu ante nós: a despeza na aquisição da máqui-
na, o gasto em stencils, em tinta, em reparações...

E pela primeira vez chegamos a esmorecer. Rebuscou-se
no cofre da Liga. Nada que chegasse a 1/4 do que precisa-
ríamos. Tínhamos de ficar por ali.

Valeu-nos de novo o bom amigo da outra vez.
E graças a Deus, que pudemos ver realizados os nossos
intentos.

Para cobrir as despezas com cada edição, visto que es-
tas aumentaram, e duma maneira assustadora, precisavamos
de passar um certo número de exemplares! E estes, felizmen-
te têm-se passado. Surgiram aqui e ali mais amigos que sim-
patizaram com a nossa obra, e Deus serviu-se dêles, para
que o jornal pudesse continuar a sair.

Louvemos ao Senhor! Louvemos ao Senhor!
Ele tem-nos amparado, e só com a Sua Benção, consegui-
mos fazer o pouco que fizemos.

.....

Continuação da pág. 6

que espalha a ruína e a miséria, essa luta em que o homem
é caçado como um animal selvagem, em que se fabricam enge-
nhos de morte e de destruição, essa guerra já acabou para
a humanidade, mas ainda não acabou para aquêles que anda-
ram empenhados nela; ainda têm que fazer frente ao rescal-
do. Ainda domina nos homens o diabólico gôzo da vingança.

Sim, no céu as nuvens ainda continuam a passar, e só
quando o céu estiver completamente limpo pela Graça de
Deus é que poderemos dizer que há paz, porque essa será a
verdadeira Paz.

ALHEMANIA DO C

A sombra dum cipreste erecto e mudo
No píncaro da serra,
Observo atentamente
O céu, a terra e o mar.
Com a face na mão a meditar
Eu ouço, eu vejo e sinto,
Das vagas no oceano
O estrepido som.
Batidas p'lo luar, longínquas plagas
E brilhantes estrêlas.
Oh! natureza és triste,
Quando o luar te inunda
Em grandes vagas, luminosas, frias...
Então rapidamente
Eu me levanto e grito:
Humanidade louca!
Sobe à serra e contempla a natureza!
Corre à praia e ouve atenta
O terrível embate
De enormes vagalhões!
Volve o olhar e contempla o firmamento!
Vê bem como és pequena,
E misera, e coitada.
Se em borbotões de raiva
Tu te julgas senhora do universo,
E se com a ciência
O mundo modificas,
Arrazas as montanhas,
E a carreira transformas das correntes,
Escuta a natureza
Imaculada e pura.
Despe as armas de ferrê
Que ainda ostentas com sangue das batalhas!
Olha e alvura do luar!
Veste-te de pureza!
Cala a voz temerosa
Com que fazes tremer a terra inteira,
Para prevalecerem

As ideias ignóveis,
 E os desejos mais loucos!
 Escuta as melodias, cores belos,
 Que entoam as campinas
 E o longínquo oceano!
 Contempla as maravilhas
 Que estão no firmamento! E em tudo, tudo
 Que te envolve e te cerca,
 Há-de ver e sentir
 A mão do Eterno Deus.
 E há-de desejar viver com Ele
 No céu eternamente.

Isabel Maria Teles Fernandes Gomes

ANO VELHO

♪ - Quem é este velho tão trôpego que aqui vai?

- É o Ano Velho que acaba de ceder o seu lugar ao Novo Ano e, com certeza, fazer-lhe as recomendações que um pai, antes de morrer, faz sempre a um filho. Vai agora morrer, depois de ter entregue a sua ampulheta.

- E que fez este ano velho?

- Coitado, foi muito infeliz no seu princípio. Herdou de seu pai uma guerra que êle, sem poder sustê-la, deixou continuar até meio da sua vida. Mas, daí por diante, raiou, embora trémulo, uma Luz anunciando a Paz e então, já bastante alquebrado, continuou a sua marcha mais risonho. Marcou na sua ampulheta mais um Natal e este mais feliz, depois de seis anos de guerra, para aquêles que, pela Providência de Deus, foram quasi só espectadores dessa avassaladora catástrofe. Vamos a ver como será este que desperta agora. Deus o sabe.

- Obrigada pela tua pequena narrativa. Vou pedir a Deus que cubra de bênçãos este ano para que êle seja mais alegre do que o seu antecessor.

Maria Aurora Raimundo

A JUVENTUDE

-1946-

Como é alegre p'ra nós o recordar
 Que passas o primeiro aniversário;
 Sentimos um fulgôr extraordinário
 Por te vermos viver sem descançar.

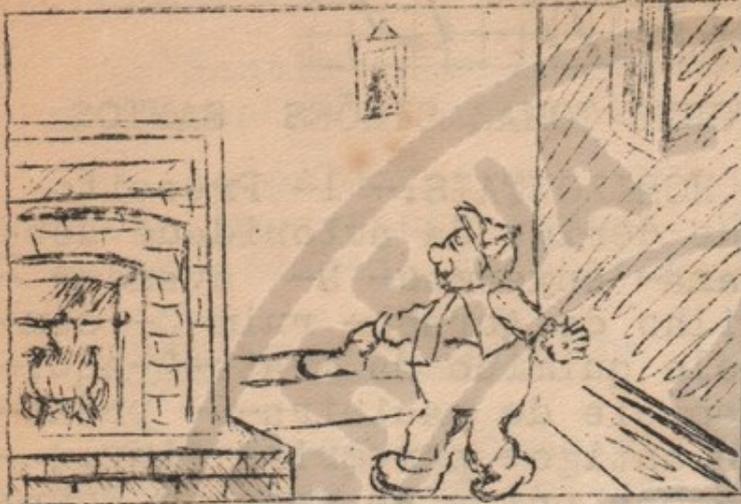
É certo que tiveste que lutar
 E vencer tanto mal adversário,
 Mas não desanimaste, p'lo contrário,
 Tornaste-te mais forte e salutar.

Que nos possas servir sempre de espelho,
 Pela heroica nobreza de virtude,
 E o teu exemplo seja um bom conselho...

E se Deus nos der vida e der saúde,
 Eu irei caminhando para velho,
 Só tu ficarás sempre "A JUVENTUDE" !...

Joaquim Teles Fernandes Gomes

BOM HUMOR DE CAPACHO



O nosso ilustre Tézinho
Também pôs o sapatinho



Como êle às vezes faz mal
O velho do Pai Natal



Pensou em o castigar
E foi-lhe logo deitar



Uma acha no sapato.
Foi buscar com aparato



A prenda tam anciada.
Tudo ri à gargalhada



E o Capacho alegremente
Pôs-se a palitar um dente.